

**PORTUGUÊS BRASILEIRO E ESPANHOL
ASPECTOS CONTRASTIVOS NO EMPREGO DE PRONOMES**

Nilsa Areán-García (USP)
nilsa.arean@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar, de modo bastante breve, alguns aspectos contrastivos no uso pronominal das línguas portuguesa e espanhola, dando ênfase à variante do português falada no Brasil. Utilizando o conceito de *correferencialidade*, o artigo visa à destacar as modalidades de uso dos pronomes de forma plena ou nula, nos casos dos sujeitos pronominais, dos clíticos objeto direto e objeto indireto, ou seja, das maneiras mais utilizadas em cada uma das línguas, de modo a auxiliar no ensino da língua espanhola para falantes do português brasileiro e vice versa, por meio do entendimento de suas diferenças.

Palavras-chave: Português. Espanhol. Pronomes.

1. Introdução

Para se entender o papel dos pronomes é necessário, inicialmente, compreender algumas noções básicas sobre o que Hassan (1989) define como *textura de um texto*, que, *grosso modo*, poderíamos considerar como um tecido sendo construído pelo escritor de tal maneira que se forma uma rede entre as unidades de significação mínima e a formação de unidades maiores significativas. Esta rede é construída por relações, ou seja, um *vínculo de coesão* entre as unidades, sejam elas as mínimas ou as maiores de significação. Este termo, *vínculo de coesão*, implica, necessariamente, em que para existir uma rede deve haver pelo menos dois constituintes ligados por alguma relação semântica. Neste sentido, concebe-se o texto como um espaço contínuo e sucessivo de unidades individualizadas, que podem estar em partes distintas do texto, mas relacionadas por um vínculo semântico e/ou pragmático, ou seja, uma relação de significado que forma a base da coesão.

Pode-se notar que há vários tipos de relação semântica para que seja seguida a continuidade textual, especificamente os pronomes e seus referentes são recursos textuais que constituem um tipo de relação de identidade situacional de referência, conhecida como *correferencialidade*, ou seja, são denominações usadas para se referir à mesma entidade já apresentada em algum lugar no texto.

A título ilustrativo:

Tenías una falda que ya estaba muy gastada.

(Você tinha uma saia que já estava muito velha.)

Nesta frase, o pronome relativo *que* se refere a *falda* (saia) que já foi mencionada e a nenhuma outra, portanto é uma referência que constitui a relação de identidade. Neste sentido, notamos que os pronomes vão apresentar a relação de identidade situacional, indicando sempre as unidades de significação a que estão atrelados e que já foram apresentadas e descritas no texto. Assim, cada língua, ou cada variante de uma língua, constitui as suas próprias formas de correferencialidades, baseadas em vários fatores: na prosódia da língua ou variante, nos fatores históricos, socioculturais e mesmo identitários próprios de cultura que podem vir a se refletir sob este aspecto em questão.

Sob este viés, pode-se dizer que as assimetrias existentes entre a língua portuguesa, em particular a variante do português brasileiro, e a língua espanhola quanto ao uso de pronomes refletem, em cada caso, a necessidade ou não da expressão pronominal. Ou seja, cada uma das línguas em destaque possui o seu mecanismo próprio para efetuar a sua correferencialidade, optando por uma forma pronominal plena ou nula.

2. O pronome pessoal do caso reto na função de sujeito

Observando primeiramente o uso dos pronomes pessoais do caso reto na função de sujeito, podemos notar que no português brasileiro, seu uso se dá com grande frequência, como se fosse uma ênfase e uma confirmação de quem é o sujeito. Um dos possíveis motivos para tal, além da prosódia da língua, é que os morfemas verbais de número e pessoa, em muitos casos da língua falada, tendem a convergir e, muitas vezes podem não ser suficientes para distinguir o pronome pessoal que representa o sujeito. Por exemplo:

- (1) *Você* foi lá e acabou com a festa.
- (2) *Ele* foi lá e acabou com a festa.
- (3) *Nós* foi lá e acabou com a festa.
- (4) *Nós* fomos lá e acabamos com a festa.
- (5) *Eles* foi lá e acabou com a festa.

(6) *Eles* foram lá e acabaram com a festa.

Podemos notar que na primeira frase: “Você foi lá e acabou com a festa”, se retirarmos o sujeito, ficaria: “Foi lá e acabou com a festa”, que perderia a referência com o sujeito *você*, culminando em não se saber quem foi lá e acabou com a festa: *você*, *ele*, *ela*, o *senhor*, a *senhora* etc. Analogamente ocorre no caso exemplificado em (2), como também nos exemplos de língua falada (3) e (5) em que o morfema verbal de pessoa não se modifica. E, finalmente, nos casos assinalados em (4) e (6), quiçá a prosódia do português brasileiro aliada à similaridades dos outros casos exemplificados e à redundância enfática do sujeito, mantenham um padrão de alta frequência de manutenção de sujeito nestes tipos de frases.

De modo distinto, na língua espanhola, o uso de pronomes pessoais do caso reto na função de sujeito é predominantemente nulo, expresso doravante pelo símbolo Ø, nos exemplos. Nos exemplos abaixo podemos notar que o sujeito nulo não interfere no entendimento das frases, ao contrário, no espanhol são normalmente assim ditas e escritas, sem a necessidade de sua redundância enfática, conforme pode ser notado nos exemplos a seguir.

Ø *He vendido mi coche, hoy por la mañana.*

Ø *Siempre viajamos en tren, desde Madrid a Santiago.*

Ø *Eres muy amable.*

Ø *Sabian mucho sobre historia de España.*

Não obstante, na língua espanhola, utiliza-se o pronome sujeito quando há a necessidade objetiva de correferência e isto ocorre quando sua função é contrastiva, mas também como distinção entre as formas de primeira e terceira pessoas, como também quando ocorre elipse do verbo, ou ainda quando são usados os pronomes de tratamento. Além disso, há os casos estilísticos de ênfase do sujeito. Por exemplo:

(7) **Tu** eres muy listo, pero yo soy perfecto.

(8) No quería yo que **el** llegara allá.

(9) **El** suele comer mucho, pero **ella** muy poco.

(10) Aquí, es **usted** muy bien aceptado.

(11) **Tú**, que vives bien, puedes prestarme la plata.

Assim, no exemplo (7), a necessidade da expressão clara dos pronomes se dá pela necessidade de contrastar um sujeito com outro, de contrapor um a outro, pois estão contrapostas as qualidades de um *tu* e um *yo* textuais. No exemplo (8), pode-se notar que os pronomes são necessários para se distinguir a que sujeito os verbos estão associados: a primeira pessoa *yo* ou a terceira pessoa *el*. No caso (9) também se dá o contraste entre os hábitos alimentares de um *el* e um sujeito *ella*, porém na segunda frase há a elipse do verbo, reforçando a necessidade da expressão dos pronomes sujeitos. O pronome de tratamento *usted*, no exemplo (10), é explícito, pois em casos de formalidade, a correferencialidade mesmo sendo expressa pelo morfema verbal, deve ser reforçada pelo pronome para indicar o tratamento requerido. E o exemplo (11) enfatiza estilisticamente o sujeito *tu* ao expressá-lo na frase.

3. Pronomes na função de objeto direto e indireto

Por outro lado, com relação aos pronomes na função de objeto direto e indireto, também podem ser notadas diferenças contrastivas entre o uso no português, principalmente na variante brasileira, e no espanhol. Normalmente, no português brasileiro, os pronomes com função de complemento não são expressos, ou podem ser expressos por uma forma tônica na língua falada.

Por exemplo, para a indagação: “Você entregou a caixinha para o João, hoje?”, no português é possível encontrar as quatro respostas negativas a seguir.

(12) Não. Eu não entreguei \emptyset .

(13) Não. Eu não entreguei *ela*.

(14) Não. Eu não *a* entreguei.

(15) Não. Eu não *lha* entreguei.

Embora a gramática normativa do português prefira as frases (14) e (15), na variante brasileira, principalmente na forma falada, estas opções são as menos frequentes, sendo as formas (12), com o complemento nulo, e a (13), com o uso do pronome do caso reto em função de complemento, as mais utilizadas. Neste exemplo, notamos também que o objeto indireto praticamente não é expresso, exceto em (15), cuja forma é pouquíssimo usada no português do Brasil, ao contrário do europeu.

De maneira díspar, no espanhol, as frases (12) e (13) não seriam entendidas, pois faltaria a correferencialidade no caso (12) e no caso (13) a correferencialidade não seria efetuada com o pronome do caso reto. Assim, para a mesma frase, no espanhol, teríamos uma única possibilidade de resposta, na qual, o pronome *se* faz a correferencialidade com *Juan* (objeto indireto) e *la* a faz com *cajita* (objeto direto), conforme o exemplo:

¿Hás entregado la cajita a Juan, hoy?

No. No se la he entregado.

Podemos notar ainda, os seguintes exemplos, que ilustram o uso obrigatório, no espanhol, dos pronomes na função de objetos direto e indireto, ao passo que no português brasileiro, em geral, seriam omitidos ou representados pelo reto.

(16) – *¿Terminaste el trabajo de ayer?*

(16) – *Sí, lo terminé.*

(17) *A Juan, lo he visto en la fiesta.*

Traduzindo ao português brasileiro, o diálogo (16) ficaria com três possibilidades de resposta:

– Você terminou o trabalho de ontem?

– Sim, eu \emptyset terminei.

– Sim, eu terminei *ele*.

– Sim, eu *o* terminei.

De modo similar, a tradução da frase (17) ao português brasileiro terá três possibilidades de equivalências:

O João, eu \emptyset vi na festa.

O João, eu vi *ele* na festa.

O João, eu *o* vi na festa.

Convém ainda, a título de ilustração, observar, quanto ao uso pronominal, o texto oral abaixo transcrito da língua portuguesa do Brasil:

Ele escreveu *um bilhete* e \emptyset colocou debaixo, no livro da aula.
Aí *ela* mesma, quando \emptyset viu, custou a acreditar. Aí *ela* falou,

então, enquanto *ela* pegou *o bilhete*, que *ela* sentiu a infantilidade dele *naquele bilhete*.

E sua possível equivalência na língua espanhola:

El le escribió una nota y se la dejó debajo del libro de clase. Cuando ella la encontró, le costó creer en lo que veía. Entonces Ø dijo, al recojerla y leerla, que se le sintió el infantilismo allí.

Concluimos então que o espanhol se mostra uma língua acusativa, na qual as combinações dos pronomes de objeto direto e indireto são necessárias, porém poucas vezes usadas no português brasileiro, ao contrário do português europeu e do galego. Nota-se também que, no espanhol, os pronomes objeto diretos *le* e *les* se transformam em *se* em contato com *lo*, *la*, *los* e *las* no espanhol. Por exemplo: *Se la ofreci*.

4. Outras formas contrastivas no emprego de pronomes

Como contraste de uso dos pronomes no português brasileiro e no espanhol, temos ainda os usos que se dão como construções próprias na língua espanhola diferentes das construções próprias do português. No caso das frases reflexivas próprias, em espanhol, temos, por exemplo:

(18) *María se cree una diosa.*

(19) *María se lava las manos.*

(20) *María se operó el tobillo.*

(21) *Se me rompió la pierna.*

Na frase (18), uma reflexiva própria direta, seria equivalente ao português “Maria se considera uma deusa” e neste caso o contraste não se dá pelo pronome, porém pelo verbo, ou seja, o verbo *creer* em espanhol assume outro sentido semântico, outro vínculo de coesão, ao se unir ao pronome *se* de forma reflexiva. Assim, o verbo *creerse* é diferente de *creer*. No caso da frase (19), uma forma equivalente no português seria: “Maria lava as (suas) mãos”. No caso da frase (20): “Maria operou o tornozelo”, e da (21): “Eu quebrei a perna” ou “Eu quebrei minha perna”. Nestes casos em que as partes do corpo do sujeito são complementos da oração, em português, diferentemente do espanhol, não se usam os pronomes reflexivos, pois a correferencialidade se dá, em geral, por um pro-

nome possessivo ou simplesmente pela omissão de qualquer pronome, dado que o sujeito está explícito.

Quanto aos pronomes reflexivos na língua espanhola:

O traço comum consiste em que os verbos que requerem ou admitem um sujeito animado, ao carecerem de ator, têm um sujeito no caso dativo, duplicado na referência pronominal e manifesto nas transformações factivas como objeto direto ou indireto”. (GONZÁLEZ, 1994, p. 149).

Outra diferença se dá no uso de duplicações obrigatórias de pronomes na língua espanhola, que ocorre quando o objeto direto ou indireto é um pronome preposicionado, por exemplo:

A ti también podría llamarte.

No es necesario explicaros eso a vosotros.

As duplicações também ocorrem quando o objeto direto ou indireto ocorre antes do verbo, por exemplo:

Los espejos debo ajustarlos antes de nada.

A los amigos siempre les digo la verdad.

Novamente ocorrem as duplicações para o objeto direto quando o verbo designa sentidos, por exemplo: *gustar, doler, padecer, parecer, encantar* etc.

Si le parece mejor a el que dejes de trabajar, entonces déjalo.

A todos mis amigos les gusta la opera.

Embora possa não haver a duplicação dependendo da variante do espanhol. Por exemplo:

¿A ti, te gusta el queso?

¿Gusta el queso? (Variante mexicana)

No caso de formas que expressam o dativo de interesse, no espanhol, também há a necessidade da duplicação do pronome, por exemplo:

Me caminé diez quilômetros.

No te comas todo el chocolate. No te lo comas todo.

Outra diferença notável é o uso do pronome *uno/una* em espanhol, por exemplo:

(22) *Una se siente cansada después de un día como este.*

(23) *Uno trabaja toda la vida y uno no se puede jubilar.*

Cuja equivalência no português seria “nós” e no português brasileiro falado seria “a gente”. Assim, os exemplos (22) e (23), teriam os seguintes equivalentes no português:

Nós nos sentimos cansadas depois de um dia como este.

A gente se sente cansada depois de um dia como este.

Nós trabalhamos toda a vida e não nos podemos aposentar.

A gente trabalha toda a vida e a gente não pode se aposentar.

Assim, as diferenças nos empregos pronominais não se resumem apenas ao pronome sujeito e aos pronomes objeto direto e indireto. Há também diferenças entre os usos de pronomes reflexivos, entre outras estruturas pronominais.

5. Considerações finais

De modo geral, as diferenças entre o uso pronominal na função sujeito e na função complemento no português brasileiro e no espanhol, são as dificuldades, segundo González (1994), que mais se destacam no aprendizado de um destas línguas por falantes nativos da outra.

A título de resumo, o pronome na função sujeito está presente com muita frequência no português brasileiro, ao contrário do espanhol, no qual é predominantemente nulo.

Já o apagamento do pronome com função de objeto direto ou indireto tem se mostrado muito frequente no português brasileiro, ao contrário do espanhol, considerada uma língua acusativa, na qual a correferencialidade tem que ser expressa pronominalmente nestes casos.

De qualquer forma, convém ressaltar que o uso de uma forma ou outra por cada uma das línguas e suas variedades comparadas está relacionado à maneira como cada grupo cultural avalia a necessidade da correferencialidade, mas também não se pode esquecer a influência da prosódia e mesmo da manutenção do ritmo da fala em cada idioma e suas variantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HASSAN, Ruqaiya. *The texture of a text*. In: HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASSAN, Ruqaiya. *Language context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989. p. 70-96. (Primeira publicação em 1985).

GONZALEZ, Neide. Therezinha. Maia. – *Cadê o pronome? – O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos*. 451 f. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH USP, 1994.